



Nelzira Moreira

DF-Brasília
042
Reportagem 0034

PIONEIROS

No final de 1957, a pioneira chegou a Brasília acompanhando o marido, que veio trabalhar na Novacap. Aqui foi professora, auxiliar de enfermagem e se aposentou como enfermeira

Lembranças de um tempo difícil, mas valioso

Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida que os pioneiros levavam por aqui antes da inauguração de Brasília estava longe de ser um paraíso. Praticamente isolada no meio do cerrado, a primeira impressão que se tinha da cidade não era das melhores, principalmente para aqueles que chegaram bem antes do 21 de abril de 1960. Foi assim com a goiana Nelzira Moreira. Ela chegou na nova capital em novembro de 1957, quando tudo estava no começo. O impacto só não foi maior porque já estava acostumada com o clima de fazenda no interior de Goiás.

Filha de fazendeiro, Nelzira era quem espantava os pássaros que ameaçavam o arrozal e ajudava a família no preparo do açúcar e na fabricação da farinha. Mal sabia a pioneira quanto a sua vida mudaria com a transferência para Brasília, após o casamento com o também goiano Donato de Araújo Bruno, futuro empregado da Novacap. “Depois que nos casamos ele veio, por volta do mês de junho, e eu fiquei em Silvânia (*cidade natal da pioneira*) até ele conseguir uma moradia”, lembra a então moradora da Candangolândia.

Logo na chegada a Brasília, ela sentiu na pele a mudança brusca do clima. A secura e a poeira constante a atingiram em cheio. “Eu peguei um resfriado forte e

fiquei doze dias acamada. A gente não tinha paz com aquele vento e adoecia mesmo. Quando os caminhões de terra passavam na rua aí é que a poeira aumentava. Muita gente jogava água com a mangueira ao redor da casa para aliviar um pouco”. As crianças eram as que mais sofriam com o clima seco e o calor das residências. “Juscelino, uma vez, ordenou que trocassem todas as construções de lona da Candangolândia, por outras de madeira (naquele tempo tinha muita madeira aqui) para evitar a desidratação das crianças por causa do calor”, explica.

Segundo a moradora da “Candango”, vinha muita poeira de uma cerâmica que ficava constante a atingiram em cheio. “Eu peguei um resfriado forte e

uma pista. “Quando cheguei, as máquinas estavam fazendo a terraplanagem do aeroporto. Era caminhão pra todo lado e engenheiros de todas as regiões do país. Eles moravam ao lado das obras e suas casas eram as melhores da região, construídas em madeira, tinham jardim, calçada e eram bem pintadas. O local era todo arborizado”, descreve com detalhes.

A Vila Operária

A rusticidade do ambiente e o modo arcaico de funcionamento da maior parte dos serviços traduzem a dificuldade dos primeiros anos da construção de Brasília. A pioneira é do tempo em que a Candangolândia era chamada de Vila Operária e que o abastecimento de água era fei-

to por canos soltos que traziam água do córrego.

As compras naquele tempo eram feitas em sacos e anotadas nas antigas cadernetas no mercado da Subsistência, que ficava ao lado da Guarda Especial de Brasília — GEB. “Eu levantava às 4 horas da manhã e ficava na fila esperando a porta do mercado abrir. Mas também lá tinha de tudo. O limite de compra era de acordo com o salário. Quando meu marido recebia o vencimento era feito o desconto”, conta a esposa do armazenista da Novacap. “Donato trabalhava na Divisão do Material e era quem cuidava do recebimento e do depósito dos materiais que chegavam na Novacap”, conta orgulhosa. No mercado, a pioneira era obrigada a enfrentar três fi-

UM DOS PRIMEIROS EMPREGOS DE NELZIRA NA CAPITAL FOI COMO PROFESSORA DA ESCOLA II, NA INVASÃO DO IAPI

las. “uma para pegar o número da caderneta que ficava com eles, outra para fazer as compras e uma última para receber as mercadorias. Eu só voltava para casa lá para o meio-dia”.

Feitas as compras, Nelzira ainda tinha que contar com a boa vontade e a solidariedade dos motoristas de caminhão que circulavam no local a caminho do almoço. “Quando a gente precisava de uma coisa melhorzinha como um sapato ou tecido, íamos até a Cidade Livre (*Núcleo Bandeirante*), que parecia um formigueiro aos sábados, por causa do comércio e do cinema, que eram bastante procurados”.

Foi durante uma de suas idas à loja Teatro dos Tecidos, na Cidade Livre, que Nelzira viu de perto o incêndio que ela jamais conseguiu esquecer. “Eu estava olhando uns tecidos quando um rapaz do lado de fora me puxou. O fogo começou numa loja ao lado e foi aumentando até atingir a sapataria Galo Vermelho”. Ela conta que até o galinheiro de vidro (que deu o nome à sapataria e ficava na cumeira) estourou com o fogo. “Foi horrível”.

Primeiro emprego

O primeiro trabalho da pioneira na nova capital foi como professora primária na Escola Interplanetária e na escola Sara Kubitschek, aproveitando o diploma de normalista. As dificuldades daquele tempo estavam

“QUANDO A GENTE PRECISAVA DE UMA COISA MELHORZINHA, COMO UM SAPATO OU TECIDO, ÍAMOS ATÉ A CIDADE LIVRE (*NÚCLEO BANDEIRANTE*), QUE PARECIA UM FORMIGUEIRO AOS SÁBADOS, POR CAUSA DO COMÉRCIO E DO CINEMA, QUE ERAM BASTANTE PROCURADOS”

também dentro das salas de aula. As crianças sentavam em cima de tijolos porque não havia carteiras. “Na época de chuva então, inundava tudo. Um dia tivemos de deixar a escola porque não tinha condições de dar aulas com aquela quantidade de água”. A professora conta ainda que quando lecionava na Escola II, na invasão do IAPI, enfrentava sol e chuva para chegar até a

NELZIRA COM A FAMÍLIA: UMA VIDA DE DIFICULDADES E VITÓRIAS EM BRASÍLIA



escola. “Ela ficava atrás do Hospital do IAPI (*o HJKO, hoje Museu da Memória Candanga*). Era muito longe”. Durante a gestação da primeira filha, ela achou melhor deixar a escola e ficar em casa para a alegria do marido. “Ele não gostava muito que eu trabalhasse fora”. Enquanto lecionava, Nelzira também dava o duro nos bancos escolares. À noite ela frequentava o curso técnico de Contabilidade.

Depois de muita luta, a pioneira conseguiu um emprego bom como auxiliar de enfermeira ao lado de médicos de renome como José Richelieu de Andrade Silva e Ney Blazio. O gosto pela nova profissão lhe incentivou a fazer mais dois cursos — o de auxiliar e o de técnica de enfermagem. Daí em diante, a enfermeira não parou. Anos mais tarde resolveu fazer o concurso para o Hospital de Base e foi aprovada. De lá, ela só saiu depois de aposentada.

Segundo a pioneira, no início as dificuldades deixavam os moradores um pouco desconfiados quanto ao futuro da cidade, mesmo com a presença das construtoras e dos operários que traba-

lhavam dia e noite. Com o passar do tempo, a desconfiança deu lugar ao entusiasmo e à confiança e a vida do casal foi progredindo com o trabalho.

A residência na Candangolândia, onde moraram durante 30 anos, ganhou até área de serviço e cercado. “No início nossa casinha tinha apenas dois quartos, sala, cozinha e banheiro, depois fizemos uma reforma porque as madeiras estragavam com facilidade e aumentamos para três quartos, uma área de serviço, cozinha, banheiro e um cercadinho”, contabiliza.

Lembranças de Pelé

Da casa, na Candangolândia, ela e o marido ouviam a animação que vinha de um campinho de futebol ao lado, o campo Israel Pinheiro, onde os operários costumavam jogar uma pelada. De vez em quando, vinha até times de fora. “O Santos veio uma vez jogar aqui. Os jogadores vieram de ônibus e o Pelé de helicóptero. Naquela época, ele já era famoso. Até hoje me lembro da roupa dele. Era cara, um conjunto de banlon marrom escuro. Mas ele só usava a parte de baixo,

uma camisetinha de gola redonda. Eu fiquei com vontade de ter uma, mas não podia comprar. Só depois de muito tempo é que consegui comprar uma igual e até da mesma cor”, lembra.

Vizinha do maior restaurante comunitário da cidade —, o SAPs, Nelzira conta que na hora do almoço, a Candangolândia fervilhava de gente e servia até de ponto de encontro das famílias nordestinas que vinham para visitar os parentes que trabalhavam na construção da cidade. “Todos os operários comiam lá. Chegavam caminhões e caminhões de trabalhadores para almoçarem. As mulheres do Nordeste vinham com seus filhos nos paus-de-arara para cá e como aqui era tudo muito espalhado, construções para todo lado e sem condução direito, elas iam para a porta do SAPs encontrar os maridos”.

Foi no restaurante também que a pioneira teve a surpresa de apertar a mão do presidente Juscelino Kubitschek. “Ele deu uma festa para os trabalhadores da Novacap no dia 1º de maio no restaurante. Juscelino andava à vontade no meio de todo mundo. Aí ele pegou na minha mão me cumprimentando e depois pegou minha filha nos braços. Hoje fico procurando para ver se acho alguma foto minha com ele no Memorial JK, mas nunca acho. Naquele tempo a gente não ligava muito para foto e também só havia lambe-lambe e aqueles jornalistas”, comenta. Para animar a festa, Juscelino trouxe artistas do Rio de Janeiro como Ivon Cury, Jorge Cury, César de Alencar, Carlos Mattos, João Dias e Adelaide Chiuso, que divertiram os participantes.

Raio X

Nome: Nelzira Moreira
Idade: 65 anos
Origem: Silvânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Enfermeira
Estado civil: Viúva de Donato de Araújo Bruno
Filhas: Irandíia e Adanis
Netos: Rodrigo e Luíza